

APRESENTAÇÃO

Alzira Salete Menegat¹
Claudia Regina Nichnig²
Marise Massen Frainer³

O presente dossiê reúne diálogos de pesquisas e de ações diversas, que retratam o fazer e o refazer das mulheres brasileiras em múltiplos espaços sociais e movimentos coletivos, os quais se entrelaçam aos feminismos latino-americanos, trazendo várias pautas, dentre elas: promoção e acesso a políticas públicas, organizações feministas, violências e resistências, atuações nos espaços institucionais e sociais, rurais e urbanos, promoção de agendas emancipatórias. O fio condutor dos debates desse volume assegura discussões em torno das relações de gênero, da pluralidade dos movimentos, das demandantes e das demandas encaminhadas.

Dessa forma, com o objetivo de ampliar espaços de debates sobre os movimentos que às mulheres tem produzido socialmente, num viés de avanço-recuo e resistências, visando transformar relações de dominação e subordinação e pautar reconhecimentos, apresentamos o presente número, em formato de dossiê, o qual compõe a Revista Movimentação, do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFGD.

Este dossiê reúne resultados de pesquisas sobre realidades de mulheres em diferentes municípios de Mato Grosso do Sul e também de outros estados do Brasil, dentre eles: Minas Gerais, Santa Catarina, Rondônia, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, reunindo pesquisadores e pesquisadoras interdisciplinares e interinstitucionais, compartilhando conhecimentos. Compõe o conjunto das discussões do dossiê às seguintes reflexões:

O artigo intitulado “**Nas fissuras da história: o movimento lésbico no Brasil**”, de autoria Tayane Rogéria Lino, apresenta uma reflexão histórica do Movimento de Mulheres Lésbicas no Brasil, analisando os registros, os encontros e os debates produzidos no fazer do movimento, o que resulta no que definem de “construção de uma história dentro da exposição da história”.

As reflexões de Bruna Aparecida Azevedo Gayozo e Danielly Fernanda Azevedo Santos, com o tema “**Patriarcado e capital: uma união letal para às mulheres**”, analisa a violência contra as mulheres como resultado de uma combinação histórica entre sistema capitalista e patriarcado e de como se constitui em um problema que é estrutural no contexto brasileiro.

A autora Milena Cristina Belançon, no artigo intitulado “**Feminismo de Estado pós 2016: o**

1 Doutora em Sociologia pela UNESP, Professora na graduação em Ciências Sociais e na Pós-Graduação de Sociologia, na Faculdade de Ciências Humanas, na Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD.

2 Doutora em Ciências Humanas (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas/ UFSC), Professora visitante no curso de História, na UFGD.

3 Mestre em Sociologia pela UFGD, bacharel em Desenho Industrial/Programação Visual pela UFSM, Programadora Visual na UFGD.



contexto importa?”, apresenta uma análise do que denomina de institucionalização do movimento feminista, observando em que sentido a participação feminina, ocupando cargos na burocracia estatal contribuiu para o encaminhamento de políticas públicas.

O estudo apresentado Marcelo Elias Bernardes e Sabrina Melo Del Sarto, intitulado **“Um olhar sobre a construção das identidades femininas: os “causos” de assombração em Caldas, Minas Gerais”**, apresenta a formação social das mulheres caldenses, sob a influência das narrativas de assombração, traduzidas por meio dos contos e preceitos religiosos, que traduzem a ideia do pecado, naturalizando a dominação e subordinando corpos femininos.

As análises apresentadas Alesca de Oliveira e Alessandro Gomes Enoque, no texto com o título **“O pai é o forte polegar, a mãe é a rainha do lar: trajetórias femininas no sagrado”** investiga a participação das mulheres nos espaços religiosos, compreendendo a influência das igrejas e das organizações religiosas no viver feminino.

A autora Amanda Carolina Cegatti, no artigo intitulado **“As ocupações do Movimento Olga Benário e a Desobediência Civil Feminista”**, analisa as estratégias do Movimento Olga Benário em 2016, nas ocupações de três residências inabitadas nas cidades de Belo Horizonte, Porto Alegre e Mauá, instalando abrigos de atendimento de mulheres em situação de violência, compreendendo como as militantes consideram a desobediência civil e como a justificam.

O artigo de Nathalia Eberhardt Ziolkowski, intitulado **“Mulheres à frente no cerrado e pantanal: o entrelaçar de força na prática da resistência”**, apresenta resultados de diálogos mantidos com mulheres de comunidades tradicionais e populações locais do Cerrado e Pantanal Sul-Mato-Grossense, em auto-organização visando à criação de estratégias para o bem-estar social.

As reflexões de Cláudia Regina Nichnig e Regina Ingrid Bragagnolo, intituladas **“Feminismos e violências de gênero: paradoxos e ambiguidades na aplicação da Lei Maria da Penha pelo Sistema de Justiça”**, analisam as ambiguidades nas interpretações jurídicas, como também nas práticas institucionais de operadores do direito, no que se refere à aplicação da Lei 11.340/2006, para os casos de violência doméstica e familiar, registrados na 3ª Vara Criminal e Juizado de Violência Doméstica e Familiar, da Região Metropolitana de Florianópolis.

O estudo de Alzira Salete Menegat e Sandra Procópio da Silva, com o tema **“Análises da atuação feminina na via campesina, na caminhada para a soberania alimentar”**, apresenta a atuação feminina no coletivo da Via Campesina, o qual se constitui no fortalecimento da força social das mulheres, fazendo resistências diante dos processos opressores, questionando desigualdade entre homens e mulheres e destacando a necessidade para a soberania alimentar, os feminismos e a agroecologia no processo de produção de alimentos.

O artigo Anna Carolina Horstmann Amorim, com título **“Dupla maternidades no instagram: entre fotos, ativismo e parentesco”**, aborda um debate contemporâneo sobre o alcance da internet, com base na rede social Instagram, analisando a dupla maternidade, em relação às mães lésbicas e a maternidade lésbica. Analisa a construção da ideia de maternidades e de como a rede social vem sendo utilizada, no que a autora define como “movimentação social em torno da possibilidade real de mulheres lésbicas construir projetos familiares e de filiação”.

O texto Ana Maria Veiga, com o título **“Mundos de mulheres no Brasil: “escrevidor” uma experiência de construção”**, analisa os bastidores do evento internacional Fazendo Gênero/Mundos de Mulheres, realizado em Florianópolis em 2017, no que considera como evento que reuniu o fazer acadêmico e os ativismos, onde, conforme a autora se constituiu sob “(...) raízes indígenas, negras e populares; as incursões pela matriz africana, passando por encruzilhadas

epistemológicas propostas pelas mulheres negras, o *pretuguês*, o pajubá e outras (in)visibilidades”.

As reflexões Claudete Beise Ulrich, Edineia Koeler, Erineu Foerste, com o tema **“Mulheres pomeranas em movimento”**, analisam o protagonismo de mulheres pomeranas organizadas em movimentos sociais, no município de Santa Maria de Jetibá, estado do Espírito Santo, numa atuação coletiva com o objetivo de criar meio para a propagação do uso sustentável da terra, defendendo a produção com base na agricultura orgânica e na agroecológica.

Dourados-MS, 16 de dezembro de 2019.